

Genoma gaúcho

RESUMO

Como parte das tantas indagações que alimentamos sobre nossa identidade, este artigo lança/resgata mais um ponto de vista sobre a questão da identidade gaúcha. Ancorado em referências que têm contribuído para este tema, faz-se uma análise crítica a partir da argumentação que a identidade é construída sobre imagens, sobre representações que desejamos glorificar ou encontrar. A identidade gaúcha apresenta-se muito mais como um querer ser do que como um fato histórico ou "real".

ABSTRACT

This article deals with questions related to the gaucho identity. According to references treating this issue, it would be possible to question whether such an identity is built upon special symbolic images. It follows that the gaucho identity is based much more upon a wishful thinking rather than on actual historical facts.

PALAVRAS-CHAVE /KEY-WORDS

- Imaginário (Imaginary)
- Ideologia (Ideology)
- Identidade (Identity)

A INTERROGAÇÃO NÃO é recente e as tentativas de resposta são muitas. Discutir a existência ou não de uma identidade gaúcha não é tarefa nova. Diversos autores já se esforçaram nesta missão. A paixão, o ódio, o desprezo, a exaltação, a indiferença, enfim, são muitos os sentimentos que costumam azeitar os textos, os discursos, as teses em torno dessa figura: o gaúcho. Reconhecer a presença de sentimentos tão humanos nestas falas constitui um bom princípio. O distanciamento e a neutralidade científica moram noutra estância quando se fala de um outro que não é tão outro, que não está tão distante, que mora na casa ao lado ou na mesma, ou ainda, quando se é o próprio.

Procurar pelas diferenças é um caminho comum quando se quer definir uma identidade. Diferenciar o brasileiro que vive no Rio Grande do Sul dos demais é um exercício não só de estudiosos, mas principalmente das pessoas que seguem o cotidiano das cidades e campos. Seguidamente ouvem-se expressões que enaltecem a seriedade, o envolvimento político, a bravura, a valentia, o talento, a beleza, uma série de atributos que valorizam o habitante do extremo sul-brasileiro. Ouvem-se também as características negativas, há identificações como o machismo, passa pela arrogância e pode parar na grossura, na ignorância.

É notória a presença de algum sentimento específico em relação ao fato de ser gaúcho. Pode ser um orgulho velado ou exposto. As bandeirinhas colocadas nas traseiras de automóveis são perceptíveis em grande número. O uso das formas gráficas da representação geográfica do Estado compõem logotipos e materiais promocionais de diversas instituições. São muitas as manifestações e basta observar o dia-a-dia para perceber as marcas. A vergonha e a indiferença em relação ao Estado, à terra de onde nasceram também faz parte das reações provocadas por ser gaúcho.

Apesar destas afirmações iniciais não serem motivadoras de grandes refutações, temos situações que fazem a identidade

Rudinei Kopp
Professor da UNISC

gaúcha transparecer menos homogeneidade do que possa parecer numa análise superficial. Ser gaúcho torna-se facilmente menos importante quando entram em campo, literalmente, Grêmio ou Internacional, e mais recentemente os times da serra, no caso Juventude e Caxias. Vamos, no entanto, prestar mais atenção no caso da dupla gre-nal que arregimenta o número mais expressivo de torcedores. É curioso verificar que o sucesso de uma das agremiações, seja em nível nacional ou internacional, acarreta, grosso modo, um desvinculamento das raízes gaúchas. O torcedor um pouco mais “sério” tende a esquecer completamente o “sangue gaudério” que corre num time ou noutro quando esse disputa uma partida. Poucos teriam coragem de exigir que um colorado torcesse pelo Grêmio em uma final de Libertadores, por exemplo. Tampouco se deseja isso nos flancos opostos, quanto mais existirem torcedores “secando”, melhor.

O exemplo acima não é o único dos embates que marcam a vida do gaúcho. A história política e econômica está repleta de episódios que registram o atrito como uma constante. O surgimento e manutenção do Rio Grande do Sul é para o antropólogo Ruben Oliven (1992) marcado pela luta e demarcação das fronteiras, dominação da natureza, descontentamento e rebelião contra os desmandos do governo central, além dos constantes conflitos internos. Tudo isso explicaria o “caráter um tanto feroso incorporado ao inconsciente gaúcho” (Oliven, 1992, p. 49). Essas peculiaridades contribuem para construção de uma imagem mítica que está projetada em práticas presentes segundo Oliven.

Em relação ao aspecto mitológico gauchesco, pode-se pontuar o tradicionalismo como a expressão mais intensa do uso dessa imagem heróica do gaúcho. Os CTGs – Centro de Tradições Gaúchas – foram e continuam sendo estudados. Normalmente sob a chuva de críticas, essas instituições têm sido consideradas como espaços de reprodução do sistema patronal injusto das fazendas, promotores da fantasmagorização dos

costumes e tradições gaúchas, manipuladores e criadores de músicas, hábitos e até do folclore. Uma miríade de acusações pesa sobre o tradicionalismo.

Tau Golin (1983) representa um dos maiores expoentes da crítica ao gauchismo. Em *A ideologia do gauchismo* ele aborda vários aspectos que condenam a prática dos CTGs como espécie de tentáculo do poder vigente. Da mesma forma José Hildebrando Dacanal (1992) arma-se contra a função ideológica que os CTGs representam. As argumentações são bem construídas e não se resumem a este par de autores. A série *Nós, os gaúchos* (iniciada em 1992) apresenta vários textos que sustentam a crítica e, por outro lado, a defesa dos centros, entre tantos pontos de vista do ser gaúcho. Entrar nessa disputa que costuma ficar polarizada entre nativistas e tradicionalistas é tarefa melhor desenvolvida no título exposto acima. No entanto, como observa Oliven, nativistas e tradicionalistas travam seus duelos em cima do mesmo campo semântico: a figura do gaúcho.

A respeito da representação do gaúcho é que tem surgido as indagações mais profundas e acaloradas. Seria fácil admitir a inexistência do sujeito em questão. Ou ainda, ser simplista e dizer que gaúcho mesmo é aquele que vive na campanha, trabalha na estância, é o tropeiro, o ginete, o homem bravo que anda a cavalo e tem só um mar de coxilhas à sua frente. Usa bombachas, bota ou alpargata, chiripá, chapéu, guaiaca ou qualquer outro apetrecho do gênero.

Barbosa Lessa (2000) conta que a primeira vez que ouviu falar na palavra gaúcho a referência foi feita a um gato que despertara sua atenção. Na época era menino e o animal lhe pareceu bonito, logo pensou em domesticá-lo. Um trabalhador das terras onde morava logo alertou: “Isso é gato gaúcho”. O adjetivo trazia consigo a caracterização de um animal que não se dobrava, andava por aí, um andarilho, tinha o mundo a seus pés. Não precisava mais do que isso e algo que suprisse sua fome ou sede.

Há várias histórias, há várias metáforas. O sentido da palavra já extrapolou faz muito

tempo os sentidos mais restritos ou originais. Independente do Estado ser constituído por um conjunto heterogêneo de tipos étnicos, de formações geográficas e de tantas outras variáveis, a condição gaúcha é vivida, exaltada ou execrada.

A identificação pela imagem

O Rio Grande do Sul é um cenário onde convivem várias manifestações culturais. A presença de vários grupos cria uma situação onde a integração teria tudo para não dar certo. A presença de índios - os habitantes originais, divididos em várias tribos -, dos vizinhos espanhóis, dos portugueses, dos negros, dos imigrantes italianos e alemães, compõe o quadro principal dos habitantes gaúchos atualmente. Não há um laço que possa unir esses grupos a priori, a não ser considerá-los como moradores de um espaço territorial que convencionou se chamar de Rio Grande do Sul.

O sincretismo cultural não aconteceu naturalmente, tampouco é ponto pacífico considerá-lo consolidado. A turbulência da história nacional possui capítulos que ficaram marcados como a tentativa de criação de uma identidade nacional. Sandra Pesavento (1982) destaca a campanha do Estado Novo de Vargas que pretendia o achatamento das singularidades regionais. Conforme a autora: "Foram extintos os partidos, queimadas as bandeiras estaduais e banidos os escudos, hinos e outros símbolos regionais" (Pesavento, 1982, p. 117).

Era preciso criar o Brasil. Alain Finkielkraut (1988) interpreta esses movimentos como manifestações do *Volkgeist*, o espírito nacional ou, numa outra tradução, o espírito do povo. Essa necessidade de auto-afirmação nacional tende a produzir discursos mais excludentes do que includentes. Com muita facilidade deixa-se de estar de acordo com os parâmetros da identidade nacional para tornar-se um traidor, um não-patriota (palavra apropriada à manutenção nacionalista).

A leitura pode ser transposta para o

tradicionalismo gaúcho. Se no princípio o movimento representava muito mais a necessidade de um grupo de jovens do interior que estudava em Porto Alegre, capital do Estado, e que sentia saudade das práticas comunitárias de suas terras natais – o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (o CTG 35) foi fundado em 1948 por alunos do Colégio Júlio de Castilhos -, teremos mais adiante a adoção de práticas e regras que determinam o que é e o que não é tradição gaúcha. Os CTGs deixam de ser um simples espaço de identificação e passam a requerer o domínio sobre a cultura gaúcha. Seriam os detentores do saber que caracteriza os costumes de um povo, guardiões da cultura.

Um pouco diferente do modo como o *Volkgeist* se manifesta em países ou regiões cuja história é mais extensa e incendiada pelas diferenças étnicas, no Rio Grande do Sul esse sentimento pela identificação cultural se alicerçou menos sobre o fator biológico - a raça ou etnia – e procurou outros elementos que diferenciasssem esse grupo. A questão da diferenciação oferece uma boa forma de compreensão. Conforme Oliven tem-se a seguinte definição:

Nação e tradição são recortes da realidade, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites. Elas funcionam como pontos de referência básicos em torno dos quais se aglutinam identidades. Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção. (Oliven, 1992, p. 26)

A construção ou percepção da distinção é um fator interessante. Régis Boyer (1998), no Dicionário de Mitos Literários, organizado por Pierre Brunel, mostra que, por exemplo, os germanos inicialmente nunca deram a si próprios tal designação. Ou seja, foram

os não-germanos (no caso os celtas) que “fizeram” os germanos. A palavra foi cunhada por um outro povo e o seu uso ultrapassou o significado original.

O caso gaúcho passa também por situação semelhante. O termo foi aplicado originalmente pelos não-gaúchos num sentido pejorativo. A situação altera-se com o tempo e o gaúcho passa a simbolizar um conjunto de atribuições que não são mais apenas a pessoa que lida com o gado, afeito a guerras e peleias, cavaleiro ou “monarca dos pampas”.

A imagem construída em torno do gaúcho passa por várias instâncias. Há vasta bibliografia explorando os acontecimentos que registramos momentos em que a cultura e o ser gaúcho são valorizados. Desde o Parthenon Literário com Apolinário Porto Alegre, ou ainda, a obra O Gaúcho de José de Alencar. A Guerra do Paraguai que aproveita a habilidade dos cavaleiros da província sul-brasileira. A Revolução Farroupilha. Os embates acirrados da política interna. Os presidentes gaúchos e suas posições enérgicas, polêmicas, messiânicas ou salvadoras. A literatura. A campanha pela legalidade. O surgimento dos CTGs. Enumerar tantos elementos é tarefa longa e fadada a ser incompleta. Sabe-se que há uma imagem. Percebe-se a imagem e apropria-se dela da maneira que melhor interessar.

Michel Maffesoli, a respeito do papel da imagem, expõe:

A imagem é consumida, coletivamente, aqui e agora. Ela serve de fator de agregação, permite perceber o mundo, e não o representar. E, mesmo que ela possa ser objeto de apropriação política, ela tem, sobretudo, uma função mitológica, pois favorece o mistério, isto é, une entre si os iniciados. (Maffesoli, 1995, p. 35)

Interessa mais o fator de agregação. Mesmo que a tipificação do gaúcho tradicional exclua o verdadeiro conjunto de pessoas que compõe o Estado ou aqueles que se

vêm como gaúchos, tem-se um ícone que representa a identificação não somente de uma cultura, instituída e determinada em manuais e livros de história, mas de vários modos de sentir-se gaúcho.

Fazer julgamentos que tentam englobar o modo de identificar-se de toda uma população é pretensão condenada à defasagem. No início do texto falava-se de como a gauchidade facilmente perdia espaço para as identificações com clubes de futebol. É possível estender esse exemplo para outras categorias sociais.

A aceitação da condição gaúcha gera fatos curiosos. Numa mesa de bar estão intelectuais, letrados, aspirantes e felizes indiferentes. Conversam sobre aquilo que são, que rótulo territorial ou pátrio lhe cabe melhor. Um diz sem pensar muito: sou gaúcho. Sem preocupações muito complexas. Ouviu isso a vida toda. Outro: sou brasileiro. Sabia que a nação era sua maior identificação. Um dos atores prefere refletir um pouco e responde: sim, sou brasileiro, mas antes disso sou sul-rio-grandense. O termo gaúcho parecia vir carregado de significados que não lhe convinham. O último lança um desafio maior: sou latino-americano. Característica semi-universal. Não era nem o homem cosmopolita do iluminismo e muito menos algum alegre gaúcho orgulhoso.

Melhor que tentar interpretar ou descobrir quem era quem nesta história é ver como há um jogo de identificações. Como o querer pertencer a alguma ordem é muito mais uma percepção do que uma representação de fato.

Maffesoli alerta para a impossibilidade linear, evolutiva e progressista da filosofia ocidental. O homem não caminha imutavelmente para uma situação universalista. Não deixa de ser tribal, para depois ser regional, nacional e enfim universal. A sobreposição de situações e condições faz ser todos ou alguns em tempos diferentes ou simultâneos.

O ideal comunitário do qual Maffesoli fala pode ser visto na identidade gaúcha. Dentre as tantas formas de nos religarmos,

de alimentarmos a cola social que precisamos para viver em grupo, a adoção da forma gaúcha nas suas mais variadas possibilidades constitui um bom exemplo. No entanto, considerar apenas esse ponto de vista, de que há um envolvimento unicamente no sentido do estar-junto pode ser tão reducionista quanto fazer uma leitura crítica (ou marxista?) do gauchismo. Tau Golin, entre tantos, já se encarregou de reduzir o gauchismo a apenas uma manifestação dos interesses do poder capitalista ou de qualquer outra ameaça ideológica.

Vários gumes da mesma faca

Para Edgar Morin (1995), para exemplificar, não é possível pensar a Segunda Guerra Mundial invocando somente Marx. É preciso saber que além do confronto entre as potências econômicas mundiais, lutando por mercados e áreas de influência, existe também o shakespeariano. Que o desencadeamento do ruído e do furor, que uma vontade delirante de ter o poder nas mãos, que a vaidade são elementos tão motivadores dos conflitos quanto a infra e a superestrutura da economia política mundial.

Não interessa somente saber que a lágrima é um composto químico motivado por irritações de natureza biológica. Para Morin, é preciso saber também o que há em torno da pessoa que chora, que faz chorar, que, enfim, produz a lágrima.

O gauchismo pode ter se prestado a interesses econômicos da oligarquia pecuária. Pode ter reproduzido nos galpões de CTG a estrutura patronal de poder. A bombachas pode ter sido originada das sobras inglesas de produção. Mário Maestri em diversas ocasiões já pontuou como o negro ficou fora do inventário mitológico gaúcho.

As faces que o gauchismo tomou e toma não correspondem exatamente à maneira como todo habitante do Rio Grande do Sul se vê como gaúcho. Oliven destaca o quanto esse regionalismo serviu à manutenção do

Estado:

O Rio Grande do Sul pode ser visto como um Estado onde o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem-sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um Estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha. (Oliven, 1992, p. 65)

Para Morin a vida é feita do acaso e da necessidade. A identidade pode ser um acaso e uma necessidade também. Seria um acaso que justamente a imagem do marginalizado de outros tempos se sobrepusesse a do estancieiro para ser símbolo/estereótipo de um Estado. Foi uma necessidade que algum elemento ligasse habitantes tão heterogêneos que viviam em terras tão próximas.

É mais fácil ao morador de localidades que descendem de imigrantes ver-se como gaúcho do que como brasileiro. Resta em muitos ainda um sentimento por uma terra que não conheceram. Encontra-se aquele que se intitula despreocupado, orgulhoso ou envergonhadamente ser alemão ou italiano. O Rio Grande do Sul aparece como um espaço, uma terra, um pago com o qual se está unido. Muito da identidade gaúcha contemporânea não perpassa somente aquilo que estava ligado aos campos das fazendas criadoras de gado.

As imagens que os veículos de comunicação transmitem pelo país/mundo não estão mais somente fundadas sobre o

gaúcho típico da fronteira. As plantações de uva são presença constante, as crianças de olhos azuis e cabelos claros, a serra e os vales disputam espaços com a campanha. Há, sem dúvida, o fator econômico que ajuda a determinar essa ascensão no campo do imaginário, mas há também a tomada de consciência de que ser gaúcho é algo mais amplo. A percepção gaúcha tornou-se algo maior e o que há de positivo numa visão ou noutra procura ser reproduzido pelo próprio gaúcho.

Na verdade, sabe-se também que a representação da identidade continua incompleta. Se o tempo fez com que novos atores fossem introduzidos, fez também o papel de continuar legitimando a brancura gaúcha. Por mais que os historiadores, antropólogos e sociólogos comprovem a presença negra na composição histórica, o mito não aceita. Na concepção folclórica da estância há o discurso da democracia, onde peão e patrão tomam chimarrão juntos, enfim, o culto ao respeito e à igualdade. Hipótese francamente ideologizada. Nas colônias de imigração fala-se que colonos não possuíam escravos, portanto os negros não pertencem àquela composição original.

A crítica sobre a construção do gaúcho branco constitui um objetivo maior do que o pretendido aqui, mas é preciso ficar atento e não acabar reproduzindo interpretações contaminadas pelo racismo/indiferença/idealização.

O lugar da mulher também é requisitado. Critica-se que ser gaúcho perpassa sempre um privilégio masculino. O índio devorado pelo avanço do homem ocidental recebe menção quando alguém quer referir-se a alguém muito gaúcho: “esse tem sangue de índio”. Este orgulho do sangue indígena é bastante paradoxal. Os índios que são exaltados são justamente aqueles que não existem mais, os minuanos e charruas. Guaranis e caingangues, grupos que mantêm pequenos povoados ainda, são muito mais uma atração do que um orgulho propriamente dito. Ótimo, existem índios, mas fiquem em suas tribos, não atrapalhem a vida do gaúcho. Índio

“bom”, como destaca Oliven, era o minuano e o charrua. Bons cavaleiros e guerreiros, lutaram até o próprio desaparecimento. Deste índio deseja-se o sangue, afinal era bom no manejo do cavalo, era guerreiro e está morto, não reclamará nada. É lenda, é história, agora pode ser glorificado.

Os gumes de uma faca podem ser dois. E mesmo sendo um, pode se tornar diferente a cada momento que é afiado. A identidade revela tanto quanto esconde. Há traços que são mantidos, potencializados. Destes procura-se tirar proveito. Os indesejáveis ficam adormecidos pelo mito, pela construção. Esse “acordo” não é só aquele que ocorre entre os padrões, políticos ou poderosos de todagênese. Ele é repartido entre a sociedade de um modo geral. Não há nada de novo nisso, nem de especialmente gaúcho. A distinção ocorre sim, mas nos aspectos que são escolhidos como valores, como elementos de identificação. O sistema e o modo como essa identidade foi e é construída são como a lâmina, que cada vez que é amolada corta mais ou menos que a vez anterior, mas é constituída do mesmo conjunto de metais.

Morin propõe a maneira que a humanidade opera sua diversificação/identificação:

A diversificação é também psicocultural. Conforme as culturas, manifestam-se tipos dominantes de atitudes, de comportamentos, de agressividade, de complacência, etc. Além do mais, em toda civilização, e particularmente na nossa, cada indivíduo assume personalidades diferentes, conforme seu humor e conforme a pessoa que encontra, que enfrenta ou à qual se submete (filho, pai, esposa, amante, chefe, subordinado, rico ou mendigo, etc.); são duas personalidades radicalmente antinômicas num mesmo indivíduo que se manifestam na cólera ou no amor. Cada indivíduo dispõe de uma panóplia de personalidades múltiplas, virtuais, mas capazes de se

atualizar. Ora, são exatamente essa multiplicidade, essa diversidade, essa complexidade que fazem também a unidade do homem. (Morin, 1995, p. 61)

O desconhecido, a liga, o enfermeiro e o gaúcho

O grande fascínio do mito é a maneira como ele impõe o desconhecido como verdade.

Poucas coisas atraem tanto o ser humano como o desconhecido. Giambattista Vico (1974) destaca uma frase de Tácito: “Omne ignotum pro magnifico est.” A tradução da frase revela: tudo o que é desconhecido é tido como maravilhoso. O gaúcho enquanto criatura mitificada é maravilhoso, pois não se sabe ao certo quem de fato ele é. Quantas identificações cabem nesta figura? O tempo já fez desmoronar várias construções sobre o sujeito destemido, corajoso e senhor de si. Será?

Para Maffesoli, a identificação com imagens do passado, e não interessam se são construídas ou legítimas, tem a função de irromper o ideal comunitário, ou como ele diz:

...o ideal comunitário dá novamente sentido aos elementos arcaicos, que se acreditava totalmente esmagados pela racionalização do mundo. Os diversos fanatismos religiosos, as ressurgências étnicas, as reivindicações lingüísticas ou outros apegos aos territórios são as manifestações mais evidentes desse arcaísmo... porém, em todos os casos, existe algo do transe antigo, que tinha essencialmente por função reforçar o estar-junto daqueles que participavam dos mesmos mistérios. (Maffesoli, 1995, p. 16)

É clara a ligação entre estar-junto, partilha e mistério para o autor. Esses conceitos operam conjuntamente e fazem

a comunidade, a sociedade sentir-se unida. Não a união pela razão, mas a união por um sentimento que, ora pode ser o time de futebol, ora a comunhão contemporânea dos shopping centers, ora o rap ou as ONGs de proteção ambiental, ou ainda o sentimento de perceber-se gaúcho.

Ruben Oliven comenta que em suas incursões pelas califórnicas da canção nativa – celebrações/concursos musicais da canção gaúcha – encontrava pessoas de pele e olhos claros, de procedência francamente urbana, invocar o sangue índio ou gaudério que corria em suas veias. O antropólogo destaca também a maneira como a platéia reagia diante das manifestações musicais. Percorria-se do gauchesco ao brasileiro facilmente. Mercedes Sosa, ícone da música latino-americana, no seu show exaltava uma união dos povos da América Latina e isso não gerava nenhum constrangimento. A comunhão e o estar-junto formavam a maior identidade do público que presenciava os espetáculos.

O encontro de uma identidade nacional ou global passa por uma tomada de consciência do regional. É assim que Oliven procura explicar a maneira como a manutenção da identidade gaúcha opera:

O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que, atualmente, para os gaúchos, só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para eles só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes. A identidade gaúcha é atualmente reposta não mais nos termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural em um país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro. (Oliven, 1992, p. 128)

Chama atenção a adoção de uma distinção a partir da “rebeldia” diante de um modo de ser nacional ditado pelos padrões

globais (leia-se, neste caso, Rede Globo). A zona sul carioca refere-se nitidamente como crítica aos modelos induzidos pelas novelas. Estendendo essa crítica, poderia-se chegar na questão musical e nos padrões que tomam conta das rádios e gravadoras. O que parece, porém, é que não existe um padrão tão definitivo assim. O mercado consome de acordo com uma ordem caótica. O pagode de ontem pode ser rapidamente o “Melô da popozuda” de hoje – produto de uma banda gaúcha. Prova-se para o Brasil que no Rio Grande do Sul também há capacidade para fazer produtos culturais de procedência duvidosa e que vendem bem como qualquer outro.

Pode-se chegar ao nacional sendo antes regional, mas isso não significa que ordens diferentes se instalem. O nacional pode vir antes que o regional. O universal pode não chegar nunca. O universal pode estar acima de tudo. Quando a identidade é uma categoria de consumo é muito fácil cair no efêmero. Alain Finkielkraut não levou essa possibilidade em consideração. Na conclusão de *A Derrota do pensamento* ele diz:

A barbárie acabou por se apoderar da cultura. Na sombra dessa grande palavra a intolerância cresce, ao mesmo tempo que o infantilismo. Quando não é a identidade cultural que encerra o indivíduo em seu domínio, e que, sob pena de alta traição, recusa-lhe o acesso à dúvida, à ironia, à razão - a tudo que poderia destacá-lo de sua matriz coletiva, é a indústria do lazer, essa criação da época da técnica, que reduz as obras do espírito a quinquilharias (...) E a vida com o pensamento cede suavemente o lugar ao face a face terrível e irrisório do fantástico e do zumbi. (Finkielkraut, 1988, p. 159)

A identidade é também entretenimento, também pode ser consumida “sem medo de ser feliz”. A identidade não encerra o indivíduo em seu domínio. É somente um modo do

estar-junto. Categoria menos perigosa que o Volksgeist.

Otimismo e pessimismo são palavras esvaziadas. Importa localizar os sinais sagrados que mantêm o conjunto social, asseguram raízes e reforçam seu ser, conforme frisa Maffesoli.

Morin já destacou a unidade do ser humano justamente através de sua diversidade, de sua adaptação, combinação de acaso e necessidade, contexto pessoal mais contexto cultural. Pode-se compreender como a identidade gaúcha supre um dos tantos elementos que o homem precisa para sentir-se parte de algo maior que o domínio de sua razão como indivíduo.

Tantas pesquisas já revelaram a alta auto-estima gaúcha. Não se sabe exatamente a origem deste orgulho, desta motivação. Nietzsche em *Humano, demasiado humano*, no aforismo 258, fala da estátua da humanidade:

O gênio da civilização age como Cellini quando fundia a sua estátua de Perseu: a massa líquida ameaçava não solidificar, mas devia fazê-lo: assim, Cellini lançou nela pratos e travessas e, aliás, tudo o que apanhava ao alcance da mão. Também o gênio da civilização lança, na massa fundida, erros, vícios, esperanças, ilusões, e outras coisas, tanto de metal vil como de metal precioso, pois é necessário que a estátua da humanidade se conclua, perfeita; e que importa que, aqui e além, seja utilizada uma matéria medíocre? (Nietzsche, 1973, 220)

Por prepotência, orgulho, amor ao desconhecido, por auto-afirmação ou qualquer outro motivo, a identidade gaúcha acredita-se como uma estátua do laçador fundida com metais preciosos. O metal vil que dá a liga necessária fica restrito aos estudiosos, àqueles que procuram na composição real e racional deste corpo a estrutura confiável. A quem interessa isso no entanto? Poucos

desejam se perceber como o prato, a travessa ou a colher da massa líquida que ameaça não solidificar. Categoria insignificante a do real e do racional quando se procura pela imagem de si mesmo .

Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Abril, 1974.

Referências

BAQUERO, M. (org.). Diversidade étnica e identidade gaúcha. Documentos, 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.

BRUNEL, P.(org.). Dicionário de mitos literários. Traduzido por Carlos Sussekind. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FINKIELKRAUT, A. A derrota do pensamento. Tradução de Mônica Campos de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GOLIN, T. A ideologia do gauchismo. 3. Ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GONZAGA, S. et al. Nós, os gaúchos. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. Nós, os gaúchos 2. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

KERN, A. B., MORIN, E. Terra-Pátria. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

LESSA, B. Entrevista. Camaquã: 2000.

MAFFESOLI, M. A contemplação do mundo. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano. Traduzido por Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1973.

OLIVEN, R. J. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, S. J. História do Rio Grande do Sul. Série Revisão, 2a. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

VICO, G. Princípios de (uma) ciência nova: acerca da natureza comum das ações. Os pensadores, 20. Traduzido por